

CAMPO DA DÚVIDA: UMA PAISAGEM EM TRANSFORMAÇÃO – DO USO COMUM DA TERRA À EXPLORAÇÃO MADEIREIRA (1930 A 1960)

Marlon Brandt

Mestre em Geografia – Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: marlonbrandt@yahoo.com.br

RESUMO: Na década de 1930 a localidade conhecida como Campo da Dúvida recebeu a instalação de uma serraria que gradativamente provocou transformações substanciais em sua paisagem. Aquela localidade, possuidora de vastas reservas de araucária, até então servia a uma população composta, na maioria, por pequenos e médios sítiantes, como área de uso comum, especialmente na criação de animais soltos como os porcos. A instalação da serraria significou um momento de ruptura, cujo espaço passou, a partir de então, por um processo de intervenção humana cada vez mais profundo, devastando aqueles pinheirais e cercando as terras, dando início a desagregação de antigas práticas e costumes em relação a posse e uso da terra. A instalação da serraria originaria um incipiente núcleo urbano, formado pelas residências de seus trabalhadores, atraindo também novos serviços. Da emancipação política desta vila surgiu o município de Fraiburgo.

PALAVRAS-CHAVE: Uso Comum da Terra. Atividade Madeireira. Devastação da Floresta.

CAMPO DA DÚVIDA: A TRANSFORMING LANDSCAPE - FROM THE COMMON USE OF LAND TO THE LUMBER EXPLOITATION (FROM THE 1930's TO THE 1960's)

ABSTRACT: In the 1930's, the area known as Campo da Dúvida suffered substantial landscape transformations due to the introduction of a lumbermill. That area, which had vast "*araucária*" (*Araucaria angustifolia*) reservations, until then had been used by the population, that was composed in its majority by small and medium rural workers, as lands of common use, especially in the raising of livestock such as hogs. The establishment of the lumbermill meant a period of rupture, in which the area passed through a process of human intervention that was increasingly more profound, cutting down the "*araucária*" and enclosing the lands, thus bringing about the disaggregation of the practices and habits related to the use of the land. The lumbermill also gave rise to an incipient urban nucleus, composed by the residence of its workers, which also began to attract new services. The political emancipation of this village resulted in the constitution of the town of Fraiburgo.

KEYWORDS: Common Use of Lands. Lumber. Forest Devastation.

INTRODUÇÃO

Na década de 1930 a localidade do Campo da Dúvida, que pertencia ao município de Curitiba, no planalto de Santa Catarina, recebeu a instalação da serraria René Frey &

Irmão, que passou a explorar as suas vastas florestas de araucárias. Antes da serraria, o uso que se fazia daquelas terras era baseado no usufruto comum de seus recursos naturais, realizada principalmente por pequenos e médios sítiantes, muitos deles posseiros. Forma de uso da terra que entrou em decadência a partir da instalação da serraria, que, ao longo das décadas de 1930 e 1960, devastou, cercou e iniciou a urbanização de boa parte das terras da localidade, que deu origem, no ano de 1961, ao município de Fraiburgo.

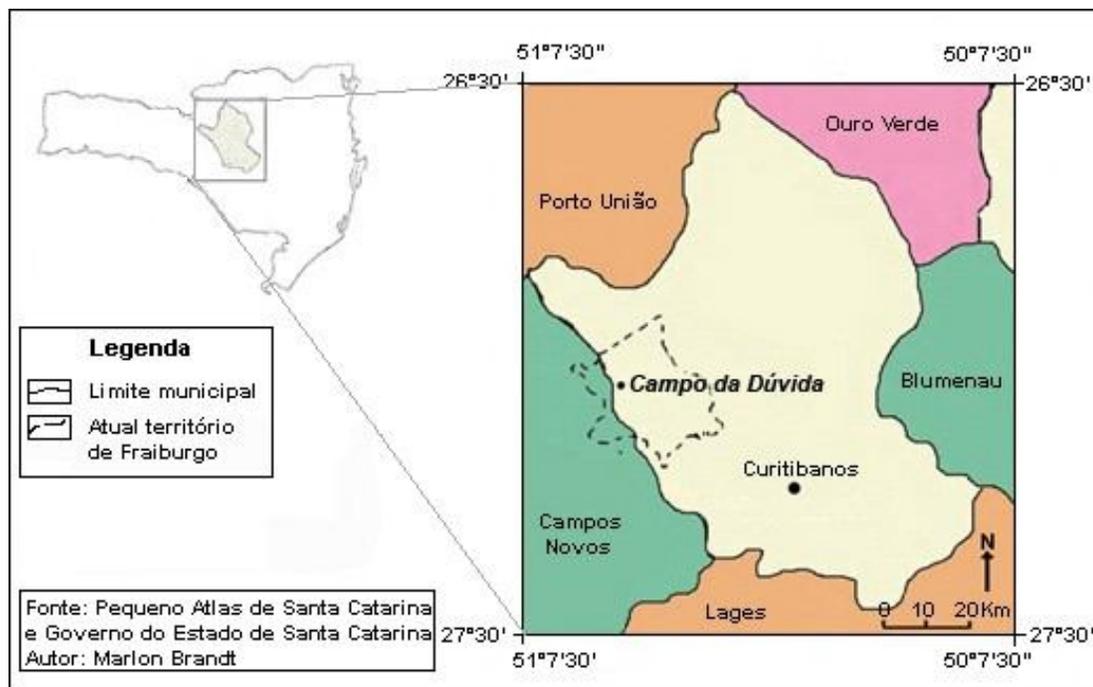


FIGURA 1 – Mapa de localização do Campo da Dúvida – década de 1930.

São as transformações da paisagem do Campo da Dúvida, advindas da inserção de novas atividades econômicas, baseadas na exploração madeireira que o presente artigo busca analisar, tendo como início a década de 1930, a partir da instalação da serraria René Frey & Irmão, prolongando-se ao longo da década de 1960, quando as reservas madeireiras passam dar seus primeiros sinais de esgotamento.

Analisar as transformações da paisagem no passado implica em se unir no enfoque geográfico o tempo e o espaço, pois, como afirma Chris Philo (1996, p. 270-274), “a complexa geografia do mundo está estreitamente ligada com o que acontece em sua história”. É necessário considerar nos estudos desta natureza não apenas os fenômenos de materialidade óbvia, mas também os fenômenos de natureza “imaterial”, ou seja, “todo um conjunto de acontecimentos passageiros (guerras, fomes), entidades abstratas e estruturas mais

profundas”. Afirmção que concorda com Maurício de Almeida Abreu (1997, p. 240), para quem, o pesquisador não deve se “ater apenas aos vestígios concretos que ele deixou, isto é, as formas materiais que ainda subsistem na paisagem”. As formas imateriais, como a cultura e os costumes, que exercem influência na representação e transformação da paisagem também precisam ser investigadas.

Paisagem que, conforme Milton Santos (2006, p. 103-104), é a expressão materializada do espaço geográfico, onde esta “é o conjunto das formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza”, e que para Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl (2004, p. 08), é também “portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias”, ou seja, possui também uma dimensão simbólica. Assim é possível tratar o processo de transformação da paisagem no Campo da Dúvida, entendendo-a como uma paisagem cultural, resultando da “ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p. 09). Dinâmica que transformou a floresta, de um espaço usufruído em comum pela população local, em um espaço cada vez mais simplificado em sua estrutura e biodiversidade, cedendo gradativamente lugar as novas atividades econômicas impostas pelos irmãos Frey a partir da instalação da serraria.

1 POVOAMENTO E USO COMUM DA TERRA NO CAMPO DA DÚVIDA

Existem várias versões sobre a origem deste curioso nome. Autores como Thomas Burke (1994, p. 08) e Willy Frey (2005, p. 60) apontam a indefinição de limites entre as fazendas Butiá Verde e Liberata, além de porções de terras devolutas e a reivindicação de posseiros por pequenas áreas. Existe, no entanto, uma versão popular, mais difundida entre os antigos moradores, e aqui apresentada por um pequeno semanário que circulou no município na década de 1960, intitulado “O Eco” (1963, p. 2):

[...] aqui, exatamente onde está o Cemitério Municipal de Fraiburgo, constam que certa vez, foram encontrados dois cadáveres de homens cujos corpos haviam sido perfurados por balas, com suas armas atiradas ao chão, dinheiro nas guaiacas e até os revirados atados nos tentos dos seus animais que pastavam por perto. Porque se mataram? Foram mortos num tiroteio? Por quem? Uma espera? Sobre isso pairou uma dúvida. Ali mesmo foram sepultados por viajeiros que os encontraram, originando o nome de “Campo da Dúvida” a porção de terras que hoje é o município de Fraiburgo e arredores.

O processo de povoação da região do Campo da Dúvida partiu inicialmente dos campos e rotas tropeiras, que cruzavam o planalto catarinense em Lages, Curitiba e Campos Novos, e pelos Campos de Palmas pelo lado paranaense. Essa região, que se constituía nas palavras de Paulo Pinheiro Machado (2001, p. 19-20), em uma “fronteira no sentido de ser a vanguarda de um processo específico de apropriação e colonização de terras”, permitiu com que, a partir da segunda metade do século XIX, pequenos e médios sítiantes, na maioria posseiros, alguns com posses legitimadas, ocupassem as regiões de matas e campos do planalto médio e norte, em vales de rios, como o Marombas, Taquaruçu, Correntes, do Peixe, entre outros. Muitos dos novos ocupantes dessa fronteira agrícola eram fugitivos ou sobreviventes de conflitos como a Revolução Farroupilha (1835-1845) e a Revolução Federalista (1893-1895). Ex-agregados dos grandes latifúndios planaltinos também compunham esse quadro. Existia um costume de permitir a agregados manterem um rebanho formado das crias de reses ganhas “de presente”. Se, com o passar dos anos, o número de cabeças do rebanho fosse considerado excessivo, o fazendeiro mandava o agregado se mudar, buscando terra própria, ou vender o excesso de animais. Se o agregado partisse em busca de novas terras, este se tornava independente, passando a viver “sobre si” (QUEIROZ, 1981, p. 30-31). Condição tentadora, porém arriscada, já que teria que conviver com a existência de tensões e conflitos com a população indígena, em uma clara disputa de espaço.

Escolhida a terra, o novo morador, de acordo com Neusa Bloemer (2000, p. 52-72), poderia “instalar-se nos sertões, vivendo da caça, da pesca e da agricultura de subsistência”, baseada na rotação de terras, junto com a criação de animais e coleta de erva-mate, atividades que eram possíveis “em uma fronteira aberta, com terras devolutas e uma baixa densidade demográfica”. Praticavam nestas terras o que Arlene Renk (1997, p.96) denomina como “roça cabocla”, onde dividiam espacialmente as áreas para a criação e para a agricultura através de uma prática costumeira, em terras de plantar e terras de criar. Nas “terras de plantar”, cuja lavoura era destinada à subsistência e não à comercialização, cultivavam principalmente o milho e feijão desmatando e queimando a floresta, para em seguida instalar a roça.

Se as terras destinadas à plantação eram individuais, a criação de animais, por outro lado, estava ligada à exploração em comum de áreas como os campos e florestas, onde animais, como bois e porcos eram criados soltos, percorrendo campos e florestas em busca de alimentos. “Porco era que nem rato”, comenta Altino Bueno da Silva (2005), antigo morador da região do Vale do Rio do Peixe, sobre a abundância do animal na região. O porco, de acordo com o historiador ambiental Alfred Crosby (1992, p. 156-157), dentre os animais domesticados, é o que mais se assemelha a uma erva daninha. Pelo fato de serem onívoros,

havia para eles, em comparação aos herbívoros bois, cavalos e mulas das áreas de campo, uma maior variedade de alimentos disponíveis. Comiam de tudo: frutos caídos, sementes, raízes, relva e qualquer animal pequeno. Por não tolerarem a luz direta do sol, não conseguiam se adaptar aos campos, descobertos demais, preferindo viver nos capões entre os campos e nas florestas, onde abundavam os pinhões no inverno. O ambiente favorável propiciou a muitos dos moradores do planalto encontrar na criação de porcos soltos uma fonte de renda. Soltos nos pinheirais, esses animais cresciam e engordavam. Era o chamado “porco alçado”, cuja criação consistia, de acordo com Man Yu Chang (1988, p. 26), em uma “suinocultura extensiva, onde os animais eram criados em completa liberdade”, percorrendo em manadas, na busca de alimento, terras de diferentes posses ou fazendas, pelo fato destas não possuírem cercas – e isso persistiu em muitas regiões até o início da colonização –, “uma vez que a amplitude de terras o dispensava”, como aponta Arlene Renk (2004, p. 28), sendo que a divisão destas, nas palavras de Nair Ribeiro do Prado (2005), antiga moradora da região de Fraiburgo, “era por butieiro, por imbuia era por rio”.

Isso não quer dizer, no entanto, que os criadores de porcos não possuíssem um rebanho de gado bovino ou de outros animais, como cabras, ovelhas e cavalos, criados em pequenas áreas de campos, naturais ou não, em suas terras, da mesma forma que porcos também poderiam ser criados por grandes fazendeiros em áreas como capões e bosques de matas de araucária. Tal forma de criação possibilitava, não apenas aos grandes criadores e proprietários de terra, mas também aos pequenos, o livre acesso à água, aos pastos e à floresta

Estes animais podiam percorrer extensões significativas atrás de alimentos, que no caso dos porcos poderiam ser pinhões, abundantes no inverno, ou frutas de árvores como a imbuia ou o butiá. Não era raro encontrar animais de localidades vizinhas, como a Liberata, cujos porcos, freqüentemente eram vistos no Campo da Dúvida, percorrendo distâncias de mais de cinco quilômetros. Para diferenciar um animal do outro eram realizadas marcas a ferro quente, e, no caso dos porcos, “um marcava a orelha, outro era pitoco”, conforme relatou Sebastião Pires (2005a), antigo morador da localidade.

Além de fornecer alimento para os porcos, a floresta também oferecia outros recursos naturais, como a erva-mate, escassa na região, dando apenas “para o gasto”, ou seja, para o consumo próprio¹, além cipós para coloração da lã, destinada à fabricação de baixeiros e cobertores, mel silvestre, pinhão, lenha e nó-de-pinho.

¹ Segundo Roberto Klein (1978, p. 10-13), As regiões compreendidas pelo domínio da Floresta de Araucárias podem, pela predominância desta espécie, dar a impressão de possuir uma certa homogeneidade. Porém estas são

As vastas florestas de araucárias, com eventuais aberturas de campo dominavam a paisagem local, pois a população dependia da floresta para a criação dos porcos, sua principal fonte de renda. Apenas a pequena roça ou uma mangueira para engorda dos porcos indicava em muitas destas áreas a presença humana. Somente nas grandes fazendas ocorriam alterações maiores, mas ainda assim estas se resumiam a aberturas na vegetação para a roça, e a construção de invernadas, destinadas a engorda e aprisionamento do gado.

Observam-se nestas práticas de uso comum um controle dos recursos básicos expressos, nas palavras de Alfredo Wagner Berno de Almeida (1989, p. 163), “através de normas estabelecidas, instituídas para além do código legal vigente e acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas”. Estas podem expressar o acesso a terra, dentro dos costumes praticados desde seus antepassados entre aquela população. Fundamentados no “direito que vem do costume, da tradição, da memória” (CAMPOS, 2002, p. 128) e transmitidos de geração em geração, constituíam-se, de acordo com E. P. Thompson (2002, p 88-120), em “crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento”, e que, para aquela população, de certa forma “afastada” das instâncias de poder do Estado, poderia adquirir caráter de lei. Neste sentido, o mesmo autor alerta para o fato que “o emprego do direito comum e as tradições orais em torno desses direitos são tão específicos e tão locais quanto as características geográficas”.

A captura dos animais ocorria através de “batidas” realizadas por seus donos, que às vezes duravam dias. No caso dos porcos, recorriam ao auxílio de cães treinados que pegavam o porco “pela orelha” (PIRES, 2005a). Como os animais percorriam campos e florestas livremente, era comum que os vizinhos comunicassem o criador caso encontrassem algum dos seus animais, facilitando desta forma o arrebanhamento. Para a comercialização, os animais eram conduzidos em tropas rumo aos centros consumidores, que no caso dos porcos se localizava principalmente em Perdizes, no Vale do Rio do Peixe, atual município de Videira, enquanto os bois eram freqüentemente comercializados em Curitibaanos.

formadas por diversos tipos de submatas, constituídas por espécies características em diversas áreas de ocorrência. Ao elaborar um mapa fitogeográfico do Estado de Santa Catarina no ano de 1978, Klein dividiu a floresta de araucárias em 4 grupos distintos, onde as submatas são distinguidas pela predominância de espécies arbóreas diferentes. São estas subdivisões: a) floresta de araucária na Bacia Iguaçu-Negro e na parte superior das bacias dos afluentes do rio Uruguai; b) floresta de araucária na bacia Pelotas-Canoas; c) floresta de araucária do extremo-oeste; d) núcleo de pinhais da zona da mata pluvial atlântica. Assim cada submata apresenta características distintas, onde estas são dominadas por espécies arbóreas diferentes, daí o fato de árvores como a erva-mate ser encontrada em abundância em algumas regiões enquanto em outras esta raramente é encontrada, como no caso da região do Campo da Dúvida.

A consolidação do processo de colonização do Vale do Rio do Peixe e Oeste fez com que a paisagem local passasse a sofrer diversas alterações pela ação dos colonos para a produção de lavouras. Lavouras que, diferentemente dos antigos moradores, cuja produção era em pequena escala e destinada principalmente à subsistência, eram destinadas à comercialização de seus produtos, principalmente o trigo e o milho, cercando e reduzindo os espaços de criação dos animais. A vegetação nativa, com suas árvores de valor comercial, especialmente a araucária e a imbuia, também propiciou o surgimento exploração madeireira. O avanço da colonização e da atividade madeireira foi marcante no processo de desagregação dos espaços onde era possível o usufruto em comum da terra para a criação, como no caso dos porcos, que passariam a ter sua circulação restrita pela formação de lavouras e florestas devastadas, passando finalmente a serem criados fechados, em encerras, ao modo praticado pelos colonos. No Campo da Dúvida os espaços de usufruto em comum da terra passariam a ser reduzidos principalmente a partir da instalação da serraria René Frey & Irmão.

2 A INSTALAÇÃO DA SERRARIA RENÉ FREY & IRMÃO: DEVASTAÇÃO E CERCAMENTO DE ÁREAS DE USO COMUM

A paisagem de Campo da Dúvida – mais tarde também conhecido como Butiá Verde – da década de 1950 era diferente do Campo da Dúvida de 1930. Esse período está marcado por novas e diferentes intervenções humanas naquele espaço, acabando por substituir antigos modos de vida da população local (KLANOVICZ; NODARI, 2005, p. 14-15). Dentre os agentes que provocaram estas alterações no espaço, destaca-se a atuação da serraria René Frey & Irmão.

Naturais da Alemanha, os irmãos René e Arnaldo Frey instalaram-se no Vale do Rio do Peixe em Perdizes, atual Videira, na década de 1930. Lá iniciaram uma pequena fábrica de produtos derivados de carne suína e bovina. Consistia em uma pequena produção mercantil, da mesma forma que várias outras que surgiram na região com o processo de colonização (ESPINDOLA, 1999). Produção cuja mercadoria era exportada via férrea, principalmente para o Sudeste. O crescimento de suas atividades no ramo das carnes fez com que os irmãos buscassem novas áreas para investir, encontrando tal oportunidade na indústria madeireira (FREY, 2005, p. 31-52).

Inicialmente os Frey partiram para a exploração de uma floresta próxima a Perdizes. Pouco tempo depois tomaram conhecimento de uma área com mais de 5.000 hectares, ricas

em pinheirais na localidade do Campo da Dúvida. As terras, situadas na fazenda Bom Futuro, de propriedade de Belizário Ramos e seu filho Aristiliano Ramos, de Lages, passaram então a ser exploradas a partir de 1937, com base em um acordo comum na região: o de “serrar as meias”, onde os proprietários da serraria e o das terras ficam cada um com metade da produção (FREY, 2003, p. 14-15).

Aquele espaço era visto pelos Frey de modo diferente daqueles antigos moradores, para os quais aqueles pinheirais eram usufruídos em comum. O “mar verde” dos pinhais seria alvo de uma nova atividade econômica, originando ali um novo espaço de produção. “Ih tinha pinhalão em toda a parte, me lembro tão bem, pinhalão véio, escuro...”. É assim que Sebastião Alves dos Santos (2004) relembra o Campo da Dúvida quando começou a trabalhar como operário na serraria na década de 1940. À medida que suas atividades se desenvolviam, os Frey adquiriam novos implementos técnicos, visando uma maior eficiência e rapidez na derrubada de árvores. Estas novas tecnologias tornaram viáveis as derrubadas de árvores localizadas a maiores distâncias da serraria.

Uma das formas pela qual é possível observar, em diferentes momentos, o desenvolvimento das atividades madeireiras promovidas pelos Frey no Campo da Dúvida são os registros fotográficos realizados pela empresa desde sua instalação, no final da década de 1930. São imagens que ilustram bem o ideal de modernização dos quais eram imbuídos os pequenos industriais do Vale do Rio do Peixe e região, como era o caso dos irmãos Frey. Como bem atenta Rute Coelho Zendron (2002, p. 87), um fator importante da imagem fotográfica se refere a sua construção, onde o fotógrafo ou quem possui a intenção de produzir a imagem, “está fazendo uma escolha, portanto, a fotografia não é apenas ‘a emanção do referente’, mas a emanção de um referente previamente escolhido, enquadrado, focalizado”. Imagens que serviam assim para representar, conforme Susana Cesco (2004, p. 92), “as transformações ambientais chamadas de ‘progresso’”, de desenvolvimento econômico, aproveitando as riquezas “ignoradas” pela população “cabocla” que antecedeu a colonização européia na região, como era o caso da madeira, que constituía, nas palavras de uma autora local em “excelente matéria prima para ser aproveitada convenientemente. Especialmente o pinho” (LOPES, 1989, p. 39).

No caso das imagens da serraria, o olhar do fotógrafo, como ressaltam Jó Klanovicz e Eunice Nodari (2005, p. 32-33), em seu estudo sobre a transformação da paisagem de Fraiburgo e o surgimento da fruticultura nos anos de 1970, incidia “sobre a idéia de retratar a atividade de extração como uma atividade de progresso industrial”. Nelas, são demonstrados os depósitos de madeira, tendo ao fundo a floresta, os meios de transporte e as modernas

máquinas adquiridas pela empresa. A Figura 2 apresenta os primeiros anos de funcionamento da serraria dos irmãos Frey. Ao fundo é possível observar a mata nativa, até então usufruída em comum.



FIGURA 2 – Serraria René Frey & Irmão na década de 1930. Instalada em uma área de campo aberto, antes utilizada na pastagem e no uso em comum por moradores de áreas próximas. Notem ao fundo a floresta de araucárias.

Fonte: Acervo particular de Aldani Frey.

Nas Figuras 3 e 4 fica clara a idéia de progresso e de desenvolvimento da região que os Frey queriam transmitir através das imagens, colocando em destaque a primeira motosserra adquirida pela empresa e seus caminhões. A derrubada das árvores, antes realizada com serras manuais, passa também a ser realizada com motosserras. Seu transporte, antes realizado com o auxílio de bois, arrastando as toras até o local onde eram beneficiadas, seria, a partir de então realizado cada vez mais com o auxílio de caminhões. Assim, a tecnificação da serraria, acelerando o ritmo da devastação, reduziu gradativamente os espaços onde ocorriam práticas de uso em comum da terra.



FIGURA 3 – Imbuia centenária derrubada por uma motosserra da serraria René Frey & Irmão no ano de 1946.

Fonte: Museu Municipal de Fraiburgo



FIGURA 4 – Caminhões adquiridos pela empresa para o transporte de toras para a serraria, transportando apenas uma árvore, serrada em três partes.

Fonte: Acervo particular de Aldani Frey

A intensificação da devastação, não apenas no Campo da Dúvida, mas no planalto catarinense de uma forma geral, a partir do aperfeiçoamento das técnicas de derrubada e beneficiamento da madeira, aliada à colonização, que chegava a locais cada vez mais distantes, levou a intensificação do desmatamento entre as décadas de 1950 a 1970 (CARVALHO, 2006, p. 70). Se na região de Fraiburgo ainda existiam serrarias operando na década de 1970, exaurindo as florestas de araucárias que restavam no interior, desde fins da década de 1940 e início de 1950, a indústria madeireira do Vale do Rio do Peixe passava a apresentar os primeiros sinais do fim das reservas de madeira (CESCO 2004, p. 44). É nesse contexto, o do futuro esgotamento das florestas do Campo da Dúvida, que os irmãos Frey passaram a investir em novas atividades econômicas que substituíssem a exploração madeireira

Essas atividades passam a se somar à devastação imposta pela serraria aos antigos espaços de criação de animais em comum. As terras da Fazenda Bom Futuro, assim como outras terras da localidade, são adquiridas pelos Frey, que passaram a direcionar seus novos investimentos na pecuária e na agricultura. Passaram também a investir em algumas atividades industriais, como a construção de uma indústria cerâmica, uma pequena cantina de vinho, uma fábrica de crina vegetal e uma de pasta mecânica. Concentração de atividades que intensificaram o processo de concentração populacional que surgiu inicialmente ao redor da serraria, formada principalmente pelas casas dos operários da empresa. Crescimento que fez com que a localidade possuísse mais de uma centena de casas em propriedade da empresa no final da década de 1950 (FREY, 2005, p. 76-78; BURKE, 1994, p. 22-23).

A devastação das terras e a implementação dessas novas atividades econômicas eram incompatíveis com as práticas de criação à solta dos porcos, ainda empreendida por muitos dos seus confrontantes. Não era raro ocorrer invasões de animais, principalmente porcos, nas terras dos Frey, que passaram a cercá-las, o que para José Lindolfo Cordeiro Leite (2005) fez com que a criação entrasse em decadência:

[...] depois que os Frey vieram começou a arruinar. Daí eles fecharam tudo os terrenos e não queriam criação nenhuma nos terrenos. Daí Deus o livre. Virou uma breca que não tinha jeito. Daí eles fecharam os terrenos. Mas veja bem, fechavam com arame, mas também o porco, cabrito, ovelha aquele passava, mas eles não queriam.

O trânsito de animais soltos ia contra os empreendimentos agrícolas dos Frey, como as lavouras de milho, onde eventuais invasões de porcos poderiam causar danos, da mesma

forma que ocorria nas áreas de colonização, sendo este um motivo de discórdia entre os antigos moradores e os Frey. Fato semelhante é registrado por Sebastião Pires (2005b) ao explicar que a família de Leopoldino Ribeiro, antes agregada dos Ramos, teve que sair das terras com a compra pelos Frey:

[...] quando veio a serraria foi seguro o tal de porco, meu sogro teve que sair dali, minha mulher teve que sair dali porque o seu René não aceitou mais porco. [...]. O povo que era mais ou menos bem de vida teve que se desfazer para não ficar sem nada.



FIGURA 5 – Lavouras nas terras dos irmãos Frey. Nota-se o cercamento das terras.

Fonte: Acervo particular de Aldani Frey

No final da década de 1950, a localidade já apresentava as feições de um pequeno núcleo urbano. Em 1958, segundo Willy Frey (2005, p. 84), a empresa René Frey & Irmão,

Já contava com duas serrarias, fábrica de caixas, um grande moinho, cantina vinífera, fábrica de crina vegetal, fábrica de pasta mecânica (celulose), açougue com matadouro anexo, olaria, granja de suínos, e setor de produção agrícola.

O núcleo populacional compunha-se de uma pequena pensão; bomba de gasolina; dois armazéns de fornecimento; moinho, além de 110 casas de operários, construídas de madeira e cobertas de taboinhas. Tudo propriedade da empresa.



FIGURA 6 – Fraiburgo em meados da década 1960. Ao fundo, a floresta devastada.

Fonte: Acervo particular de Aldani Frey

Se compararmos as Figuras 5 e 6 com as imagens anteriores, é possível notar a transformação na paisagem ocorrida ao longo de mais de vinte anos, entre a instalação da serraria, em 1937 e o final da década de 1950. Transformações que seriam cada vez mais profundas, principalmente a partir da década de 1960, quando os irmãos Frey buscam atrair sócios para investirem em seus empreendimentos, o que culminaria com a introdução em larga escala do cultivo de maçãs no final da década de 1960, fazendo com que o município, em pouco mais de duas décadas se tornasse o principal produtor de maçãs do país (BURKE, 1994, p. 19, 89-94).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tinha bastante porco ali, e hoje não se vê um porco aqui na região [...]. A gente vê aí hoje, não pode ter uma galinha, não pode ter um porco, então a gente se sente um pouco desajeitado, o interesse da gente é criar”. Esta frase, proferida por Sebastião Pires (2005a)

expressa bem o sentimento de muitos dos antigos moradores, frente ao processo de inserção de novos empreendimentos econômicos naquele espaço, resultando na devastação da floresta, conduzindo a gradual extinção de práticas consideradas costumeiras, sobretudo no que tange a posse e uso comum da terra e recursos naturais. Parte daqueles antigos criadores, constituídos por posseiros ou agregados, como é o caso da família de Sebastião Pires, viram-se obrigados a seguir dois rumos: buscar novas terras, cada vez mais distantes caso quisessem continuar criando animais à solta, ou se inserir na nova lógica econômica, passando então a compor o quadro urbano do município, trabalhando como assalariados, tanto nas diversas serrarias que ainda estavam em atividade, quanto nos empreendimentos dos irmãos Frey. Já os criadores, proprietários de pequenas porções de terra, sentiam a redução cada vez maior dos espaços de uso em comum, até que o avanço definitivo do cercamento, através da serraria e da colonização que se intensificava ao redor do Campo da Dúvida, impediu o livre trânsito de seus animais, agora confinados em mangueiras e chiqueiros, como indica Sebastião Celso Abrão (2005): “naquela época já tava acabando, daí não tinha mais madeira para dar fruta, foi mudando, daí os criadores foram vendendo por ali e não podia ter porco, daí foi acabando, hoje só fechado”.

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, os irmãos Frey adquiriram mais terras e pinheiros de propriedades vizinhas. Terras que pertenciam, em alguns casos, a herdeiros de grandes fazendeiros a quem a sucessiva divisão das terras acabou os empobrecendo, onde ainda abundavam os pinheirais e que, a partir da devastação promovida pela serraria, seriam então alvo de seus novos investimentos econômicos, baseados, sobretudo na fruticultura, tornando aquele espaço produtivo racionalizado e homogeneizado com a constituição de pomares de maçã (KLANOVICZ; NODARI, 2005, p. 95).

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ABRÃO, Sebastião Celso. 59 anos. Depoimento, 28 de setembro de 2005. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

LARA SOBRINHO, Miguel. 77 anos. Depoimento, 27 de setembro de 2004, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

LEITE, José Lindolfo Cordeiro. 64 anos. Depoimento, 2 de outubro de 2005. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

PIRES, Sebastião. 73 anos. Depoimento, 13 agosto 2005a. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

_____. 73 anos. Depoimento, 02 de outubro de 2005b. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

PRADO, Nair Ribeiro do. 63 anos. Depoimento concedido em 27 de setembro de 2005. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

SANTOS, Sebastião Alves dos. 71 anos. Depoimento, setembro 2004, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

SILVA, Altino Bueno da. 103 anos. Depoimento. 28 de setembro de 2005. Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Explorações geográficas: percursos no fim do Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio – uso comum e conflito. **Cadernos Naea**. Belém, n. 10, p. 163-195, 1989.

BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira: migrantes italianos e caboclos nos campos de Lages**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

BURKE, Thomas J. **Fraiburgo: do machado ao computador**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1994.

CAMPOS, Nazareno José de. Usos e formas de apropriação da terra na Ilha de Santa Catarina. In: **Geosul**, Florianópolis, n. 34, p. 113-135, jul./dez. 2002.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **O desmatamento das florestas de araucária e o Médio Vale do Iguaçu: uma história de riqueza madeireira e colonizações**. 2006, 201 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CESCO, Susana. **Desmatamento e Migração no Alto Vale do Rio o Peixe: discussões sobre o “progresso” e transformação ambiental**. 2004, 126 fl. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CHANG, Man Yu. **Sistema faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Londrina, IAPAR, 1988. 123p. (IAPAR, Boletim técnico, 22).

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias do Brasil**: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999.

FREY, Willy. **Reloestar é a solução**. Curitiba: Sépia Editora, 2003.

_____. **Lá nos Frai**. Curitiba: Sépia Editora, 2005, p. 31-36.

KLANOVICZ, Jó; NODARI, Eunice Sueli. **Das araucárias às macieiras**: transformações da paisagem em Fraiburgo – Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2005.

KLEIN, Roberto. **Mapa fitogeográfico do Estado de Santa Catarina**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978, p. 10-13.

LOPES, Gentila Porto. **Glória de pioneiros – vale do Rio do Peixe- SC**. 2. ed. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1989.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, Tropeiros e Birivas: Aspectos do Povoamento do Planalto Serrano. In: BRANCHER, Ana AREND, Silvia M.F. (orgs). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis, Ufsc, 2001.

O Eco. Fraiburgo n. 2, p. 2, 27 julho 1963. Acervo particular de Aldani Frey.

PHILO, Chris. História, geografia e o “mistério ainda maior” da geografia histórica. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham (orgs). **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916). 3. ed. São Paulo: Ática, 1981. Coleção Ensaios, n. 23.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva**: um ofício étnico no Oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

_____. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ZENDRON, Rute Coelho. O fotógrafo. **Esboços**. V. 10, p. 84-95, Chapecó, 2002.

Recebido em: 09/07/2007
Aprovado em: 06/10/2008